

EAD: A ESCRITA DE ROTEIROS E ENCONTROS PRESENCIAIS

WRITING GUIDELINE TEXTS FOR DISTANCE LEARNING AND PERIODICAL MEETINGS WITH THE STUDENTS

Beatriz Ribeiro Ferreira Pucci¹
Leila Janice Maxwell²

RESUMO: Nosso objetivo principal é compartilhar nossa experiência ao escrever roteiros de Língua Inglesa, Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras e Literatura para EAD no Curso de Letras Português-Inglês bem como nossas impressões dos encontros presenciais. Após pesquisas e, com base em nossa própria experiência docente, procuramos desenvolver formas de trabalho que se aproximassem das utilizadas em sala de aula, tanto na escrita dos roteiros, quanto nos encontros presenciais. Acompanhamos a primeira turma de EAD da Universidade de Uberaba (UNIUBE) de 2006 a 2008. A desconfiança inicial sobre a possibilidade de formação de educadores comprometidos com a própria capacitação e formação de seus futuros alunos, deu lugar à esperança de que é possível, sim, crer nessa modalidade de ensino. Vivenciamos resultados semelhantes aos de grupos da modalidade presencial que já nos eram bastante familiares: alunos excelentes com fluência linguística e ótima formação didática, outros regulares com desejo de melhorar seu desempenho e, ainda aqueles com deficiências básicas, não engajados no processo, com falta de comprometimento com sua própria aprendizagem. Tentamos trabalhar na conscientização dos futuros educadores de seu importante papel de participação no processo, focando o desenvolvimento de uma autonomia cada vez mais ampla. A partir de ajustes constantes, acreditamos em melhorias para o futuro dessa modalidade. A aceitação, conhecimento e prática das inúmeras possibilidades existentes no mundo diversificado de hoje, contribuem para nos tornar profissionais mais eficientes, sempre em busca da completude. O enfrentamento de desafios como este é capaz de fazer de nós educadores mais conscientes, mais reflexivos e com um maior grau de criticidade, livres de pré-julgamentos, capazes de inovar, renovar, enfim, de acompanhar a evolução do processo de ensino-aprendizagem, que muito tem ainda a ser desvendado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância. Roteiros. Encontros Presenciais. Autonomia.

ABSTRACT: *Our main purpose is to share our experience on writing guidelines related to English Language, Methodology of the English Language Teaching and also British and American Literature for students in the Language Teacher Training University Course, as well as our impressions during the periodical meetings with the students. After a lot of research and also based on our personal teaching experience, we tried to develop a teaching approach that would be very similar to that which we used in regular attendance groups. We were fortunate to be able to accompany the first Distance Learning group from the University of Uberaba that aimed at graduating the future educators. Thus, we had contact with them for the whole period, from 2006 to 2009, and were able to follow their development. The initial suspicion about the possibility of developing committed educators, committed with their own development and that of their students, gave way to the expectancy that it is really possible to believe in Distance Learning. We experienced similar results to those we were already familiar with: excellent students with linguistic fluency and a good knowledge of didactics, reasonable ones seeking for a better performance, and still the very weak ones without even the most basic knowledge of the language, nor the commitment with their own learning process. We tried to make these future educators aware of the important role of being participants in the learning process, focusing on the development of an ever deepening autonomy. By means of constant adjustments, we believe in better days for this new approach in teaching. Acceptance, knowledge and use of the various existing possibilities in our diversified world, can contribute to make us more efficient professionals, always in search of perfection. Facing challenges like this makes us into educators who are more aware, reflective and critical, free of pre-judgments and able to innovate and keep up with the ever developing teaching-learning process, which still has a lot of secrets to be revealed.*

¹ Universidade Federal do Amazonas - UFAM/ISB – Coari –AM.

² Central de Idiomas Modernos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CIM/UFTM) Uberaba – MG.

KEYWORDS: *Distance Learning. Guidelines texts. Periodical Meetings. Autonomy.*

INTRODUÇÃO

Após uma parceria bastante harmoniosa de seis anos como docentes do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade de Uberaba (Uniube), onde dividíamos turmas como professoras de Língua Inglesa, Metodologia do Ensino de Língua Inglesa e Literatura Inglesa, e, atuando já há mais de dez anos como professoras de Inglês para cursos regulares numa escola especializada de línguas, também na cidade de Uberaba, um novo desafio nos foi proposto: escrever Roteiros para Cursos a Distância. Para sermos sinceras, até então, sabíamos muito pouco sobre a forma de funcionamento desses cursos e, duvidávamos da eficiência no desempenho de profissionais que seriam por eles formados, principalmente, em língua estrangeira, que exige uma grande exposição à língua alvo para que o aluno aprenda a pronúncia adequada e o conhecimento do papel desempenhado pela fonética e fonologia, para que ele tenha prática constante nas aulas com o monitoramento do professor, e assim, adquira fluência. Achávamos que a qualidade de ensino ficaria profundamente prejudicada, deixando muito a desejar.

Acreditamos que o ensino da Língua Inglesa aborda questões sobre cultura, ética, valores, de forma a auxiliar as relações sociais e culturais no desenvolvimento intelectual do educando, levando em consideração que a aprendizagem deste idioma pode contribuir na formação do aluno como cidadão (PCN, 1998).

Dessa maneira, a linguagem não se restringe apenas a um simples sistema de regras, mas sim, apresenta-se como um processo dinâmico na geração de significados. Nessa perspectiva, o objetivo do professor de línguas é (re)organizar a significação de mundo do educando, permitindo-lhe adquirir uma nova visão da sua realidade. (KRAMSCH, 1998)

Neste momento inicial, inúmeros questionamentos “bombardearam” nossas cabeças e nos vinham como flashes, como se estivéssemos pondo a estratégia “brainstorm” em prática:

- O que mudaria realmente? Como seriam as aulas agora?
- Que tipo de linguagem deveria ser usada na escrita dos roteiros?
- Que alunos teríamos?

- Qual o melhor material/método a ser adotado? Qual a melhor estratégia para motivar os alunos ‘a distância’ a serem bons professores?
- Como seria nossa abordagem ao longo do curso?
- Como agir durante os encontros presenciais e o que priorizar?
- Como aliar a prática e a teoria?

As perguntas pareciam não parar, vinham como um turbilhão o tempo todo. Apesar das inúmeras dúvidas, decidimos enfrentar esse desafio, pois o novo nos instiga, nos faz aprender, crescer e, a idéia de trabalhar com a finalidade de vencê-lo, de sermos bem sucedidas, mais ainda.

- **O que mudaria realmente?**

Tínhamos tido, até então, somente experiência com aulas presenciais, nas quais podíamos contar com nossas **vozes**, poderosas ferramentas de trabalho que nos possibilitam a variação de entonação que atrai a atenção dos alunos; com os nossos **gestos** que também devem ser lembrados por darem vida às nossas palavras enfim, os **movimentos** em geral, que contribuem bastante para que o processo de ensino-aprendizagem “flua”, e se processe com muito mais tranqüilidade.

Que tipo de linguagem poderia substituir tudo isso, para levar ao mesmo resultado? Este segundo questionamento nos preocupou mais ainda, principalmente quando nos lembramos das afirmações dos PCN com relação à linguagem e aprendizagem. A língua (nativa ou segunda língua) é uma forma de comunicação, e por meio dela as pessoas se posicionam na instituição, na cultura e na história. Ela representa uma maneira de se estar no mundo com alguém, que também se posiciona na instituição, na cultura e na história. Nesta linha - e quer seja ensino presencial ou a distância - o professor precisa aprender a “compartilhar seu poder e **dar voz** ao aluno de modo que este possa se constituir como **sujeito do discurso** e, portanto, da **aprendizagem**” (PCN).

- **Que tipo de linguagem deveria ser usada ao escrevermos os roteiros?**

Para atingir nosso objetivo, tínhamos que escolher entre a norma culta ou algo mais informal. Optamos por uma linguagem que se assemelhasse àquela que utilizávamos em aulas presenciais, para que o aluno se sentisse mais confortável, como se estivesse conversando conosco. Chegamos a um acordo que usaríamos sempre a terceira pessoa do singular (você), para que se estabelecesse, desde o início, uma relação direta entre o escritor (nós) e o leitor o aluno. Destacamos, aqui, fragmentos retirados dos roteiros por nós escritos para que sirvam de exemplos:

“Welcome! Bem-vindo(a)! Estamos muito felizes em tê-lo(a) conosco...”

“Vamos iniciar nossos estudos? A princípio veremos a unidade”

“Esta unidade nos traz comparações de vários lugares, e nela, será testado seu conhecimento de mundo. Fique aberto às novas descobertas, que enriquecerão sua bagagem pessoal.”

“Para praticar um pouco mais como fazer perguntas e respondê-las utilizando o Present Continuous indicando futuro, continue trabalhando com seu(sua) colega. Desta vez, não há necessidade de “fingir” que não sabem as informações. Vocês têm aqui uma situação verdadeiramente comunicativa, na qual você pergunta, porque realmente não sabe as respostas.”

“Olá pessoal, estamos de volta para continuar trocando idéias sobre os grandes escritores da literatura inglesa, partindo agora do Século XVII.”

“Muito bem, você acessou o site que indicamos no roteiro passado?”

“Olá! Estamos aqui novamente para trabalhar mais um roteiro, já da última etapa de seu curso. Como passou depressa, não? Quanta coisa você aprendeu nestes três anos que estivemos juntos!”

“É realmente uma grande vitória! Chegamos ao final de um livro! Gostaríamos de parabenizá-lo(a) e dizer-lhe que a alegria de vocês também nos contagia!”

Tentamos, em todos os roteiros, utilizar expressões que motivassem os alunos a continuarem sua caminhada e se esforçarem para adquirir bons hábitos de estudo, a se disciplinarem e tentarem transpor os obstáculos e a se sentirem vitoriosos a cada etapa transposta.. Para alcançar esse objetivo, usamos expressões como:

“Sabemos que disciplina é essencial para a obtenção de sucesso nos estudos. Não se esqueça de disponibilizar um tempo para realizar as atividades propostas e checar os exercícios do Workbook.”

“Lembre-se que estamos revisando estruturas já estudadas, mas em caso de dúvida, consulte seu preceptor. Não perca esta oportunidade de consolidar este conhecimento que ainda não está totalmente construído.”

“Hello! We’re back again to continue our talk about the English language. Você tem estudado bastante? Está acompanhando as tarefas do Workbook? Com certeza você já está mais acostumado(a) com as novidades que cada unidade apresenta, e já é capaz de assimilar com maior facilidade.”

“Está percebendo como aprender uma língua é algo crescente? As palavras utilizadas na formação das frases componentes dos diálogos são todas palavras já conhecidas suas agora usadas em contexto novo. Tudo que você aprende precisa ficar armazenado em seu ‘banco de dados’ particular, para ser acessado assim que precisar. Por isto, é importante estudar o vocabulário novo até que você realmente entenda a palavra, sua pronúncia, sua categoria gramatical, sua função em uma frase e seu relacionamento com o contexto.”

“Nós achamos fantástico estudar a literatura de uma língua, /.../ Para o professor de língua inglesa, é imprescindível ter este conhecimento cultural, além de enriquecer seu conhecimento ao desenvolver seu vocabulário e conhecer novas formas de se expressar. Repetimos, não se limite a este pequeno esboço – pesquise, busque mais informações, mais obras, leia mais, com espírito crítico e com a alma aberta para as belezas da literatura. Até o próximo roteiro.”

- **Que alunos teríamos?**

A princípio, só o ato de pensarmos em nossos futuros alunos, nos amedrontava. Seriam eles jovens que acabaram de terminar o Ensino Médio, comprometidos, que querem ser verdadeiros educadores e adquirir novos conhecimentos para embasarem teoricamente sua futura prática docente? Talvez nem tão jovens assim, mas, simplesmente aqueles que só desejam adicionar à sua carreira o diploma de Licenciatura como uma peça fundamental para consolidar, fundamentar, formalizar de maneira definitiva a opção para o Magistério que já exerciam sem nenhum entusiasmo, como se fosse um fardo que teriam que carregar para sempre. Poderiam não ser nem uma coisa, nem outra, mas pessoas com o intuito de tentarem uma nova carreira que as satisfizessem, por se encontrarem frustradas com a sua profissão atual. Bem, as dúvidas permaneceriam até que tivéssemos tido nossos encontros presenciais.

- **Qual o material a ser adotado?**

Após pesquisarmos vários dentre os inúmeros materiais de alta qualidade disponível no mercado na época, optamos por um deles e obtivemos autorização da editora para que servisse como bibliografia básica. Sempre tivemos consciência da relevância da adoção de um material adequado que pudesse atender às necessidades dos alunos e que fosse de encontro ao perfil dos mesmos e do formato do curso, pois o livro é um elemento-chave que agrega valores e enriquece as aulas. No caso de um curso de língua estrangeira em modalidade a distância, ele funciona como uma bússola, orientando os alunos e servindo também de elemento norteador das ações do professor e/ou tutor.

- **Como seria nossa abordagem ao longo do curso?**

Estava claro em nossas mentes, como afirma Leffa (1988), que as abordagens, o livro, o material, são apenas caminhos a serem seguidos no desenvolvimento da prática docente, que fazem parte de um contexto social. Acreditamos que o professor de línguas estrangeiras deve procurar conhecer seus alunos, estar atento às suas dificuldades individuais, para que dessa forma, possa construir e implementar a melhor abordagem, ou a mais eficiente para a sua

realidade, talvez uma mistura de várias formas, que complementam o contexto de cada educando.

Vemos o professor, e principalmente o professor de língua, como um agente de mudança social – uma pessoa imbricada em um processo que nasce de uma aprendizagem com abordagem crítico-reflexiva que vai contribuir para a formação de seres humanos, cidadãos conscientes e também agentes de mudança social (KRAMSCH, 1998).

Aprendemos que são muitas coisas a serem contempladas concomitantemente na escrita de um roteiro: tínhamos que ser cuidadosas com a linguagem usada, chamar a atenção dos alunos para dicas tipográficas e informações não-verbais existentes de uma forma extremamente detalhada, pormenorizada mesmo. Nosso desafio era realmente grande!

“O Grammar Spot no quadro azul explica detalhadamente como usar ‘can’”.

“A página... é bastante colorida, cheia de figuras, não é? Cada figura está ilustrando...”

“Na página..., você pode ver uma foto de pessoas sentadas em um Ciber Café.”

“Ao olhar para a página ..., você nota que há 8 profissões e também 8 gravuras logo abaixo delas no item 1. Faça a combinação correta, escrevendo a profissão abaixo da gravura que corresponde a ela. A primeira já está pronta e serve como exemplo.”

“Tente completar o exercício 1 com uma das expressões em destaque. As gravuras auxiliam muito para que o exercício seja completado corretamente. Preste atenção aos relógios, à forma como as pessoas estão vestidas, ao local em que se encontram e para onde estão indo.”

A cada leitura do rascunho que estávamos escrevendo, constatávamos lacunas a serem preenchidas, como esclarecimentos que precisavam ser dados para que não pairassem dúvidas. Redigíamos uma, duas, repetidas vezes alguns

trechos do roteiro, sempre em busca da melhor forma possível de atingir os alunos e fazê-los sentir vontade de continuar a ler e realizar as atividades propostas. Eliminávamos alguma redundância, acrescentávamos informações importantes e esta foi uma prática constante de leituras e releituras. Antes de fornecermos explicações relativas às estruturas gramaticais e vocabulários novos, pesquisamos bastante em diversas gramáticas e dicionários conceituados e aliamos nossa experiência na docência para prover um embasamento teórico que servisse como alicerce sólido para os futuros companheiros de profissão, já que ao término do curso eles seriam docentes como nós e teriam uma grande responsabilidade ao prepararem discentes do Ensino Fundamental e Médio e, talvez também de escolas de línguas.

Ações como planejamento, leitura, revisões, disciplina, expressões e explicações criteriosamente selecionadas sempre foram salientadas por nós para que nossos alunos obtivessem um melhor rendimento.

“Entramos agora na última unidade do estudo de Língua Inglesa de nosso livro texto. O tema principal desta unidade é o famoso tempo verbal “Present Perfect”. /.../ Para utilizá-lo de maneira correta, você tem que estar com as formas verbais na ‘ponta da língua’ e entender as situações em que ele é usado, /.../ Certifique-se que você sabe o significado de todos eles, /.../ é um pré-requisito, pois sem saber estas formas, é praticamente impossível ser bem sucedido neste estudo.”

“Utilize /.../ uma boa gramática (para revisão). Você não se arrependerá! Seu rendimento será bem melhor!”

Durante todo o processo de escrita dos roteiros, a manutenção da qualidade do ensino foi uma prioridade. Contamos com a ajuda de uma equipe que dava o tratamento pedagógico àquilo que escrevíamos, e de um revisor para que o roteiro saísse “impecável”. Assim, após escrevermos os roteiros, eles eram encaminhados ao departamento de EAD, e passavam por um novo olhar. Certas explicações recebiam destaque dentro de um quadro, tabelas eram construídas, ícones eram colocados nas margens significando ‘tarefas’, ‘atenção’. O texto ganhava uma nova formatação, às vezes nos era sugerida uma mudança na forma de escrever. Todo este trabalho em equipe era realizado tendo em vista a produção de um material

atraente, interessante, que auxiliasse nosso aluno na sua caminhada em busca de seu objetivo e atingisse o objetivo do curso.

O ensino de uma língua estrangeira abre a visão do aluno levando-o a compreender mais sobre esse mundo pluriforme, caracterizado por tantas culturas diferentes, tantos valores diferentes e tantas formas diferentes de organização política e social. Ao conhecer toda esta diversidade, ele compreenderá a si mesmo de uma forma mais profunda, e se engajará discursivamente de uma forma mais consciente e significativa (PCN). Isto tinha que ficar claro em nossos roteiros, pois nele o ensino da língua em si tinha que acontecer de uma forma atraente, que motivasse nosso aluno e mantivesse acesa a chama do desejo de aprender.

Após o trabalho da equipe do EAD, nós éramos novamente chamadas para fazer a revisão final, na qual todos os detalhes eram acertados antes da impressão final.

- **E quanto aos encontros presenciais? Como agir e o que priorizar durante os mesmos?**

Tivemos a oportunidade de constatar se estávamos sendo compreendidas e alcançando nossos objetivos, por meio dos encontros presenciais que ocorriam uma vez ao mês por dois dias consecutivos, um sábado e um domingo. Nessas ocasiões, em pólos mais próximos à nossa cidade, assim como em locais bem mais distantes, até em outros estados, obtínhamos o “feedback” tão desejado dos próprios alunos que estavam lendo nossos roteiros, o que não poderia ser melhor, pois eles mesmos nos davam suas opiniões e, sem perceber, forneciam subsídios suficientes para continuarmos nossa tarefa, sempre com o intuito de aprimorarmos os roteiros seguintes. Havia um rodízio de professores para ministrar as aulas durante os encontros presenciais, mas tentávamos nos manter informadas do que estava ocorrendo, sempre que possível, e nossos colegas continuavam a nos fornecer informações preciosas para darmos continuidade ao nosso trabalho. Dessa forma, nos mantínhamos a par de tudo quando não íamos pessoalmente aos encontros presenciais.

- **Como aliar a prática e a teoria?**

A otimização do tempo durante os momentos presenciais era crucial e, tentávamos ser criteriosas na escolha do embasamento teórico a ser trabalhado, das atividades e exercícios realizados para que o essencial pudesse ser abordado de forma clara. A teoria e a prática tinham que caminhar juntas, para que as etapas pudessem ser cumpridas, obedecendo aos prazos previstos. Momentos lúdicos, que trouxessem descontração, mas ao mesmo tempo se constituíssem em aprendizado foram considerados importantes para “espantar o cansaço” da maratona enfrentada pelos alunos e diversificar as aulas, sempre contemplando o conteúdo programático a ser dado. (DINELLO, 2001).

Aos alunos cabia a tarefa da prévia leitura dos roteiros, anotação das dúvidas, questionamentos que surgissem para que fossem elucidados durante os encontros. Os roteiros contavam com um referencial de respostas de todas as atividades, que era fornecido aos alunos para que estes recorressem a ele para simples conferência, verificação de forma autônoma do próprio desempenho ou rendimento, ou, ainda, para tentarem compreender um pouco mais em caso de dificuldades que aparecessem.

Como um auxílio extra, os alunos podiam contar ainda com profissionais que ficavam de plantão na universidade, em dias e horários pré-estabelecidos, para questionarem trabalhos e atividades em geral a serem executados até o próximo encontro presencial e sanarem suas dúvidas. Enfim, havia plantões, mas, infelizmente, somente alguns alunos recorriam a eles e os que viviam na própria cidade ou nas proximidades, e podiam fazer verificações pessoalmente, foram capazes de usufruir melhor desse serviço. Alguns alunos ainda moravam em lugares sem acesso à Internet, e nem mesmo por email conseguiam entrar em contato com o preceptor. Os alunos em geral, precisam se conscientizar da importância de executarem suas tarefas com uma antecedência que permita a utilização de facilidades fornecidas a eles como esta. Dúvidas, com certeza, não faltavam aos alunos, pois estas ficavam evidentes durante os encontros presenciais, momentos nos quais eles queriam resolver todos os problemas, dificultando, às vezes, o andamento do programa.

Nossa intenção foi sempre ressaltar o lado positivo do ensino de línguas estrangeiras na formação geral do aluno de uma forma consciente. Queríamos que nossos alunos fossem excelentes, fluentes, e queríamos deixar clara também a idéia de que não há necessidade de atitudes pejorativas que descartem a beleza e

riqueza da cultura brasileira; toda cultura tem papel de suma importância na vida de seu povo; cultura não pode ser comparada em termos de melhor ou pior, mais desenvolvida ou menos desenvolvida. Ela existe, ela é uma realidade que não pode ser refutada e nela está toda a essência de um povo (KRAMSCH,1998).

- **E como eram realmente os alunos?**

Finalmente chegou o tão esperado primeiro encontro presencial. Foi uma grata surpresa e, ao mesmo tempo um pouco assustador constatar que ministrariamos aulas para um grupo tão diversificado, tão heterogêneo. Além das várias faixas etárias ali presentes, as diferenças de nível de conhecimento da língua inglesa, como acontece comumente na maior parte do país, eram preocupantes e desafiadoras. As estruturas gramaticais e o vocabulário por ele conhecidos, com poucas exceções, eram bastante primárias, quase nulas mesmo. Tínhamos muito trabalho à nossa frente, pois no prazo de seis semestres, eles se tornariam educadores. Havia alguns jovens que tinham acabado de cursar o Ensino Médio, e que, por morarem em cidades onde não havia faculdade, optaram pela modalidade não-presencial para darem continuidade a seus estudos. Havia aqueles que tentavam uma nova profissão e, em meio a eles, docentes com vários anos de experiência, em busca de uma oportunidade para obterem o tão sonhado diploma para poderem exercer sua profissão mais tranquilamente. Estes vinham, em sua maioria de cidades que não dispunham de universidades e, muitas delas, eram de difícil acesso. Encontramos pessoas quase da terceira idade, que, ao se verem diante de uma aposentadoria, resolveram acrescentar algo mais à sua bagagem particular. Havia também aqueles que viam no ensino a distância uma forma 'fácil' de conseguir um diploma, mas eram a minoria.

Encontros posteriores nos levaram a várias cidades, conseqüentemente, tivemos contato com vários grupos diferentes. Mas em cada aluno, víamos um desejo grande de fazer este curso 'novo', enfrentar dificuldades, serem vencedores. Neles também percebemos os mesmos questionamentos que nós mesmas tínhamos. Como vai funcionar este ensino a distância? Como serão as aulas? Teremos mais dificuldade do que se estivéssemos fazendo o curso de forma presencial? Será possível entender o conteúdo e acompanhar as aulas?

- **Quais conteúdos deveríamos priorizar durante os encontros?**

O ritmo de aprendizagem de cada aluno ficou evidente desde o primeiro encontro. As dificuldades, as limitações foram aparecendo e, a cada aula podíamos sentir de perto a grande responsabilidade que tínhamos nas mãos como educadoras que conhecem os estudos da Neurolinguística e das Múltiplas Inteligências: respeitar o ritmo de cada um e fornecer atividades variadas que possam atingir os diversos tipos de alunos existentes.

Tínhamos e, é claro que ainda temos, como prioritário em nossas mentes que somos todos seres humanos complexos e diferentes e, que também aprendemos de formas diferentes e, ao planejarmos, refletirmos e avaliarmos nossa prática docente durante os encontros tentávamos nos lembrar disso o tempo todo. A autonomia que os alunos precisam adquirir durante todo o processo de um Curso a Distância constituiu-se em um elemento norteador para os discentes, para que fossem paulatinamente, adquirindo autoconfiança suficiente e assim se tornassem cada vez mais independentes e cumprissem suas tarefas dentro dos prazos, disciplinando-se com relação a horários de estudo, comprometimento com o próprio aprendizado, entendendo que sua capacitação é algo a ser desejado, construído e alcançado por eles mesmos. Queríamos ser vistas como elementos de apoio, pessoas em quem eles confiassem e a quem pudessem recorrer em momentos de dificuldades e não simplesmente pessoas que lhes dessem respostas prontas e a solução de todos os seus problemas. Tendo como foco essa busca de independência para os alunos, tentamos otimizar o tempo disponível, que eram de quatro aulas mensais para Língua Inglesa, Metodologia do Ensino de língua Estrangeira e, ainda, Literatura em Língua Inglesa.

Planejávamos os encontros presenciais de forma que as estruturas e conhecimentos básicos, o que considerávamos como espécie de pré-requisitos para irem adiante, fossem trabalhados de forma mais intensa. Como acreditamos no ser humano e em sua solidariedade, sua capacidade de auxiliar o seu companheiro/a, contamos com o auxílio valioso de alunos que já eram fluentes na língua, e que passaram a nos ajudar e agiram como monitores dos que precisavam de uma assistência maior, tanto dentro, quanto fora de sala. O desempenho no cumprimento das atividades de sala e também das tarefas para casa melhorou substancialmente. Sentimo-nos felizes em ver que essa união realmente acrescenta

muito a qualquer tipo de aprendizado, e, nesse caso, por se tratar de Ensino a Distância, foi de fundamental importância para todos nós, docentes e discentes.

Tentamos fornecer uma base sólida de conhecimentos, uma bagagem que pudesse motivar o aluno e futuro docente a querer saber mais, buscar novas fontes, trabalhar de maneira autônoma para seu próprio crescimento e que se tornasse um multiplicador dessa prática em seus futuros alunos. Nosso desejo é que tenhamos conseguido fazê-los entender que nossa capacitação é constante, que somos agentes de nossa própria formação e que isso é algo que não deve ser posto sob a responsabilidade de nenhuma outra pessoa, a não ser nós mesmos. Como afirma Rajagopalan (2001), os sucessos e fracassos dos aprendizes estão intimamente relacionados aos processos identitários desses sujeitos, ou seja, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela.”

Chegamos à conclusão que hoje, nesse mundo tão diversificado, só se pode aceitar questionamentos, críticas e reflexões que partam de profissionais conhecedores do processo discutido, não só na teoria, mas principalmente na vivência do mesmo, expondo-se mesmo a todos os fatores nele envolvidos e, é isso que fizemos, o que muito contribuiu para nosso crescimento como seres humanos e profissionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ensino Médio. Bases Legais. 1998.

DINELLO, R. A. et al. **Lúdica y creatividad: la nueva pedagogia para el siglo XXI.** Bogotá: Cooperativa Editorial Magistério, 2001

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture.** Oxford: Oxford University Press. 1998.

LEFFA, Vilson J. *Como produzir materiais para o ensino de línguas.* In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **Produção de materiais de ensino: teoria e prática.** Pelotas: EDUCAT, 2003, p. 13-38.

RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos na Brasil: por uma política prudente e propositiva*. In: LACOSTE, Y. (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola, 2005.

Recebido para publicação em: 30/10/2010

Aceito: 20/12/2010